

# O século XIX como problema: repensá-lo através das histórias conectadas

*El siglo XIX como problema: repensarlo a través de las historias conectadas*

## Sessão Temática: ST07. História e Historiografia

KOPPKE, Karolyna; Mestra; Universidade Federal do Rio de Janeiro e Ibmec RJ  
karolyna.koppke@fau.ufrj.br

### Resumo

A partir da análise de dois catálogos derivados de duas exposições organizadas pelo Museum of Modern Art (MoMA) de Nova Iorque em 1940 e 1943 e de breve análise da literatura sobre os Oitocentos produzida no Brasil, este artigo coloca o século XIX enquanto um problema para a historiografia da arte e da arquitetura na América Latina. Em seguida, apresenta-se solução possível, através do debate entre as abordagens da história comparada e das histórias conectadas. Em tempos em que se revela urgente a revisão de narrativas historiográficas estabelecidas, convidamos aqui à reflexão sobre esse período que, por suas especificidades, exige abordagens outras para o seu enfrentamento.

**Palavras-chave:** Historiografia da arte e da arquitetura, Século XIX, Histórias conectadas.

### Abstract

Based on the analysis of two catalogs derived from two exhibitions organized by the Museum of Modern Art (MoMA) in New York in 1940 and 1943 and on a brief analysis of the literature produced in Brazil in the 19th century, this article places this same century as a problem for the historiography of art and architecture in Latin America. Then, it presents a possible solution through the debate between the approaches of comparative history and connected histories. When it is urgent to review established historiographical narratives, we invite here to reflect on this period that, due to its specificities, requires other approaches to be faced.

**Keywords:** Historiography of art and architecture, Nineteenth century, Connected histories.



Portanto, pensar-se como periferia é, afinal, aceitar a primazia do centro, o que conduz, inevitavelmente, a construir a história do ponto de vista do centro.

Kapil Raj

## 1. Introdução

O século XIX parece ter sempre se colocado como um problema para os historiadores da arte e da arquitetura na América Latina<sup>1</sup> que sobre ele refletiram e escreveram no século seguinte. Os deslocamentos constantes – de homens e mulheres, saberes, livros, discursos e ideias – decorrentes das novas possibilidades reveladas pelo achatamento do tempo e do espaço próprio da segunda onda da revolução industrial parecem, é fato, exigir do historiador outras ferramentas. É preciso recorrer a um aparato que o ajude a melhor abordar o problema de pesquisa, o que significa, em última instância, ser capaz de formular as questões mais adequadas e, a partir daí, definir mais coerentemente seu objeto.

Na América Latina, a fundação das academias de belas artes, a circulação constante de artistas e arquitetos estrangeiros, que não mais apenas os espanhóis e portugueses<sup>2</sup>, mas também franceses, italianos, ingleses, parece justificar a pecha de “estrangeirismo” que foi, tradicionalmente, atribuída ao período. Foi justamente essa etiqueta que, por longo tempo, legitimou o estado de esquecimento em que o século permaneceu nos escritos sobre arte e arquitetura produzidos nos Novecentos.

Em tempos em que o paradigma decolonial tem norteado os debates historiográficos em nosso quinhão de mundo, corre-se o risco de reforço dessa etiqueta e do esquecimento que dela deriva. O que pode acontecer, entretanto, se nos permitirmos olhar para aquele tempo despidos de um conjunto de concepções apriorísticas e procurarmos abordá-lo tomando o que, nele, há de mais potente, isto é, a profusão de novidades e de possibilidades reveladas em um mundo pautado pela velocidade? Quem fomos nós no século que nos inventou? E que contribuições, a partir das ferramentas e experiências de que dispúnhamos, pudemos oferecer em escala global? Procuramos, aqui, lançar o problema e debater sobre uma forma possível de enfrentá-lo.

---

<sup>1</sup> A pergunta que não podemos deixar de colocar é: pode-se efetivamente falar de uma história da arte e da arquitetura na “América Latina”? Lembremos que a expressão “América Latina” foi empregada pela primeira vez no próprio século XIX, ao que se sabe, pelo escritor chileno Francisco Bilbao Barquín (1823-1865). Impossibilitados de explorar tão complexa questão no espaço deste artigo, sigamos adiante na argumentação, sem permitir, porém, que ela escape de nosso horizonte.

<sup>2</sup> Cabe notar a presença, em território latino-americano, de profissionais da construção de outras origens – sobretudo italiana – já durante o período colonial. Tais profissionais estiveram envolvidos, sobretudo, em ações de defesa ou de consolidação de fronteiras. No Brasil, destacamos os casos de Giuseppe Antonio Landi (1713-1791) e Domenico Sambucetti (século XVIII). No México, ressaltem-se as significativas contribuições de Félix Prósperi (1689-c.1756).

## 2. Duas exposições, dois catálogos, uma só abordagem historiográfica

Desde seus primeiros tempos de funcionamento<sup>3</sup>, o Museum of Modern Art (MoMA), de Nova Iorque, dedicou uma série de exposições à arte e à arquitetura produzidas na América Latina. Nos anos de 1940, esse interesse pelo que se fazia “ao Sul” se tornava ainda mais evidente, chegando mesmo a se converter em estratégia política<sup>4</sup>. É assim que se organizarão, na instituição estadunidense, duas grandes exposições cuja ambição era apresentar, aos visitantes, um olhar panorâmico sobre séculos de produção de arte em duas localidades fundamentais para o entendimento do subcontinente: o México e o Brasil.

Entre maio e setembro de 1940, os visitantes do MoMA tinham a oportunidade de conhecer a história da produção de arte no vizinho do Sul através de *Twenty Centuries of Mexican Art*. Três anos mais tarde, era possível apreciar a arquitetura antiga e nova praticadas em território brasileiro na mostra *Brazil Builds*. Das exposições, resultaram catálogos, organizados e publicados também pelo MoMA, que nos ajudam a compreender as escolhas feitas para a composição disso a que passamos a denominar “histórias panorâmicas”.

Detenhamo-nos brevemente sobre essas publicações. Na primeira delas, os títulos da exposição e do catálogo coincidem. Se consultarmos seu sumário, observamos que as obras apresentadas foram categorizadas em quatro seções: *Pre-Spanish Art*, *Colonial Art*, *Folk Art* e *Modern Art*. Convém observar que a obra foi produzida em parceria com o governo mexicano e que eminentes estudiosos e artistas do país, naquele período, ficaram responsáveis por desenvolver cada uma das seções. Foram eles, respectivamente, o arqueólogo Alfonso Caso (1896-1970), o historiador da arte Manuel Toussaint (1890-1955) e os pintores Roberto Montenegro (1885-1968) e Miguel Covarrubias (1904-1957).

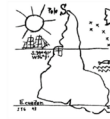
No caso brasileiro, o catálogo *Brazil Builds: Architecture New and Old, 1652-1942* é organizado pelo arquiteto estadunidense Philip Goodwin (1881-1935), com fotografias do também estadunidense George Everard Kidder Smith (1913-1997) e apoio do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Arquitetos e intelectuais integrantes do grupo moderno conduzirão a seleção dos edifícios a compor exposição e catálogo<sup>5</sup>. Divide-se

---

<sup>3</sup> O MoMA abriu as portas ao público a 7 de novembro de 1929, por iniciativa de Abby Aldrich Rockefeller (1874-1948), ao lado de Lillie P. Bliss (1864-1931) e Mary Quinn Sullivan (1877-1939). Foi o primeiro museu nos Estados Unidos devotado exclusivamente à arte moderna e pioneiro em Manhattan na exibição de arte moderna europeia.

<sup>4</sup> Trata-se do período em que os Estados Unidos estiveram sob o comando de Franklin D. Roosevelt (1933-1945), em que imperou a chamada “Política de boa vizinhança”. Essa opção pela cordialidade em relação aos países latino-americanos é aprofundada a partir da Segunda Grande Guerra, quando o equilíbrio da região estabelecido pela potência do Norte ia sendo, pouco a pouco, ameaçado pela influência alemã. Nesse contexto, o MoMA desempenhará importante papel de aproximação cultural entre os Estados Unidos e os países do subcontinente.

<sup>5</sup> No prefácio à obra, são mencionados, dentre outros, Rodrigo Mello Franco de Andrade, Álvaro Vital Brazil, Roberto Burle Marx, Flávio de Carvalho, Lucio Costa, Rino Levi, Attilio Corrêa Lima, Jorge Moreira, Oscar Niemeyer, Afonso Reidy, Marcelo e Milton Roberto, Gregori Warchavchik. (GOODWIN, 1943).



a arquitetura brasileira em antiga (*Early Buildings*) e moderna (*Modern Buildings*). Aquela é agrupada por estados. Esta, por tipos.

Nos dois catálogos, fica patente o problema que o século XIX na América Latina representou para a historiografia da arte e da arquitetura produzida ao longo do século XX. Em *Twenty Centuries of Mexican Art*, a seção *Colonial Art*, de autoria de Toussaint, abrangerá os primeiros tempos da Academia de San Carlos, instituição pioneira para o ensino das belas artes no continente americano, cuja fundação remonta ao ano de 1785. Quando da organização da escola, portanto, o México ainda não existia enquanto nação: seu sangrento processo de independência é iniciado apenas em 1810 e só se consolida onze anos mais tarde, em 1821. Logo, no momento em que San Carlos é fundada, o atual México chama-se ainda Nueva España e seu território corresponde a, aproximadamente, o dobro do atual, incluindo toda a porção Sul dos Estados Unidos<sup>6</sup>. Após seção dedicada à arte popular, Covarrubias abre o tópico *Modern Art* fazendo referência à reforma por que passou a academia de belas artes em meados do século. Apesar disso, praticamente nenhuma das obras selecionadas para integrá-lo foi produzida por artistas formados pela escola.

Durante la primera mitad del siglo XIX el arte había muerto en México. La Guerra de Independencia había desangrado al país; la miseria y el desorden crecieron bajo el imperio reaccionario de Iturbide y la dictadura grotesca de Santa Anna. Para revivir la agonizante Academia de Bellas Artes de San Carlos se importó en 1847 al pintor español Pelegrín Clavé, que implantó el uso de modelos vivos, abrió la primera exposición de arte y encaminó a un grupo de estudiantes por el estrecho sendero de la pintura académica. (THE MUSEUM OF MODERN ART..., 1940, p. 141).

*Brazil Builds*, por sua vez, se constrói a partir da oposição entre antigo e moderno. Interessante é observar que, enquanto a categoria “antigo” abarca o que se havia produzido do século XIX para trás, a categoria “moderno” compõe-se dos exemplares edificados durante os anos de 30 e 40 do século XX. Dos Oitocentos, constam sobretudo residências, principalmente fazendas associadas ao ciclo do café<sup>7</sup>. Estão praticamente ausentes os exemplares ecléticos, admitindo-se tão somente aqueles de desenho rígido, derivado da gramática clássica<sup>8</sup>. Os dois últimos parágrafos do texto introdutório deixam ver o que se pensava acerca da produção de autoria do grupo então denominado “acadêmico”:

<sup>6</sup> Perdida na guerra Mexicano-Americana, que se deu entre os anos de 1846 e 1848.

<sup>7</sup> Convém notar que a seção será aberta com o Palácio do Itamaraty do Rio de Janeiro. O edifício, cuja feição atual é fruto de reforma realizada na década de 1850 pelo engenheiro militar e arquiteto José Maria Jacintho Rebello (1821-1871), carrega a rigidez formal da primeira metade do século, tolerada pelos modernos. É o que Rocha-Peixoto denominará “classicismo habitual” (2004).

<sup>8</sup> Confira-se o estudo minucioso do catálogo feito pelo professor Carlos Eduardo Comas (2005).

A Avenida Rio Branco, na capital federal, ostenta a sua grande biblioteca, um museu, um majestoso teatro e o Palacio Monroe, antiga sede do Senado. Talvez seja melhor não falar neles. Aparentam uma imponência de acordo com os grupos estatuários monumentais que os circundam. Rio de Janeiro, como Washington, foi vítima da mania internacional do carregado à Palladio. A correção acadêmica se preferiu a uma arquitetura viva e adequada à terra e o efeito pretencioso e pesado só encontrava igual na sua esterilidade. O caso porém teve um bom fim. Poucos anos decorridos, e quase da noite para o dia, a encantadora cidade curou-se dessa doença, começando a ver melhor as vantagens de uma arquitetura de acordo com a vida atual e com a moderna técnica construtora. (GOODWIN, 1943, p. 25)

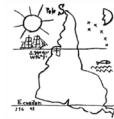
### 3. O século XIX como problema

A breve apreciação desses catálogos nos permite compreender a dimensão do problema do século XIX quando tratamos da escrita da história da arte, da arquitetura e da cidade na América Latina. Observemos o caso brasileiro. Na literatura produzida ao longo do século XX, os Oitocentos receberam recorrentemente a classificação de “estrangeiros”, sobretudo pelos autores que se dedicaram a refletir sobre o lugar da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA) na história da arquitetura no Brasil. Interessante é perceber que essa classificação está presente tanto nos escritos daqueles estudiosos interessados em defender a instituição enquanto “civilizadora” das práticas artísticas nos trópicos quanto naqueles de autoria dos que, vinculados à formulação e defesa do movimento moderno, deliberadamente recusaram as referências “acadêmicas”, compreendendo aquele século como hiato indesejável entre o que o antecedeu e o sucedeu.

Em sua tese de doutorado, que trata da produção arquitetônica dos primeiros discípulos da AIBA, Gustavo Rocha-Peixoto (2004) realiza longa revisão bibliográfica, compilando o que já se escreveu sobre aqueles que considera como os quatro mais importantes arquitetos da geração que estudou na instituição entre 1826 e 1855<sup>9</sup>. Ao fazê-lo, realiza também fundamental sistematização do que já se escreveu sobre a instituição mesma. Organiza essa literatura em três grupos: (i) os escritos publicados ainda no século XIX, enquanto estavam ativos alguns dos últimos alunos da primeira geração da Academia; (ii) a literatura a que denomina “combativa”, produzida entre as décadas de 1920 e 1980 e marcada pela discussão entre os modernistas, ultranacionalistas e tardo-acadêmicos; e (iii) a revisão da interpretação da arquitetura oitocentista, iniciada na metade do decênio de 1960.

---

<sup>9</sup> Ou seja, entre o início de seu efetivo funcionamento e a Reforma Pedreira. Os arquitetos estudados são: Manuel de Araújo Porto-alegre (1806-1879), Joaquim Candido Guillobel (1795-1859), José Maria Jacintho Rebello (1821-1871) e Francisco Joaquim Bethencourt da Silva (1831-1911).



Esse segundo conjunto de escritos, isto é, a literatura “combativa”, estabeleceu, por longo tempo, os critérios a partir dos quais se interpretou aquele século. Os escritos são marcados pela intenção, um tanto ambiciosa, de produção de “histórias panorâmicas”, à maneira do que vimos nos catálogos do MoMA. O objetivo maior consiste em organizar “toda” a história da arquitetura no Brasil, desde o princípio da dominação colonial até o século XX, com um tipo de linearidade que pudesse justificar a arquitetura que se praticava no presente<sup>10</sup>.

A obra de Paulo Santos, *Quatro séculos de arquitetura*<sup>11</sup>, não pode ser taxada, propriamente, de “combativa”. Dedicar-se ao ambicioso empreendimento de narrar, como o próprio título sugere, quatrocentos anos de fazer arquitetônico no Rio de Janeiro. Ela é, entretanto, boa referência para compreendermos a prodigiosa tarefa compartilhada entre os historiadores da arquitetura no século XX. Em sua proposta de historicizar a passagem do tempo e a prática da arquitetura na cidade, o autor procura fazer coincidirem períodos políticos e linguagens arquitetônicas: à colônia, correspondem as formas barrocas; ao império, as neoclássicas, românticas e ecléticas; e, finalmente, a república será marcada pelo movimento moderno. É então da seguinte maneira que Paulo Santos escolhe abrir seu texto: “Como na História Política, a da Arquitetura da Cidade pode ser dividida em três períodos: COLONIAL, IMPERIAL, REPUBLICANO.” (1981, p. 13, destaques no original)

Esse esforço compartilhado de sistematização e classificação contribuiu significativamente, àquela altura, para se escrever uma história abrangente da arquitetura no Brasil. Via de regra, porém, as obras dele resultantes, ao optarem por organizar essa história em grandes blocos temáticos, acabam por interpretar o século XIX de forma relativamente homogênea. A fundação da AIBA, em 1816, é, nesse conjunto de textos, estabelecida como momento de viragem no panorama da arte nacional<sup>12</sup>.

Exposta essa condição, gostaríamos no presente artigo, de refletir sobre as seguintes questões: a partir de quais abordagens podemos enfrentar a escrita na história da arquitetura do século XIX produzida no Brasil, mais especificamente, e, de forma mais ampla, na América Latina? Como afastarmos-nos de concepções apriorísticas e limitantes, que, tradicionalmente, nos têm conduzido ao entendimento de que o fazer arquitetônico, nesse século, consiste em simples recepção e repetição passivas das referências que, aqui, teriam sido “introduzidas” pelos “europeus”? É preciso atentar para o fato de que, também aqui, se pensava e se debatia.

<sup>10</sup> Note-se a deliberada exclusão dos períodos anteriores à presença dos colonizadores europeus.

<sup>11</sup> A obra resultou da palestra intitulada *400 anos de arquitetura*, proferida pelo professor em 1965, no âmbito das comemorações ao quarto centenário da cidade do Rio de Janeiro, em evento organizado pela então Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. A primeira edição, já sob o título *Quatro séculos de arquitetura*, data de 1977. (SANTOS, 1981, p. 11)

<sup>12</sup> Esse papel atribuído à AIBA é questionado por Roberto Conduru no artigo *Araras gregas* (2008). Com o explícito propósito de construir o que denomina uma “história impura”, Conduru disserta sobre como a literatura tratou as manifestações de viés classicizante anteriores a 1816.



É preciso considerar, sobretudo, que é justo nesse século que se desenha, nas diversas localidades latino-americanas, o próprio campo profissional do arquiteto<sup>13</sup>.

#### 4. Da comparação à conexão: abordagens possíveis para um século global

Tradicionalmente, quando se pensa na escrita de uma história da arquitetura na América Latina, a estratégia comparativa é a primeira opção que se nos apresenta. À essa abordagem, interessa superar os limites do Estado-nação através do convite à atenção aos fenômenos a partir de uma perspectiva regional. De fato, Marc Bloch publica texto seminal acerca da comparação ainda em 1928. Escreve em uma Europa sobressaltada pelos efeitos perversos da exacerbação nacionalista que havia conduzido ao primeiro grande conflito em escala mundial. A partir de sua posição de medievalista e tomando como objeto a formação dos Estados-nação no continente, nos adverte de que há certos fenômenos sociais que extrapolam os limites políticos em que se enquadram as nações.

Refletindo sobre esse texto em outro lugar e tempo, mais especificamente no Brasil de quase oitenta anos mais tarde, a historiadora Maria Ligia Coelho Prado (2005) defenderá ainda a validade de uma história comparada da América Latina. Já ressalta, porém, as críticas de que a abordagem era alvo naquele princípio de século XXI. Como se sabe, a intenção de Bloch de ampliação da escala e de rompimento com uma história política, pautada no elogio aos grandes homens, deverá se converter em escola. Deverá mesmo se cristalizar, ao longo da primeira metade do século XX, como um fazer historiográfico de cariz marxista e sociológico, que toma por referência os movimentos das massas e privilegia a longa duração em detrimento dos tempos curtos. Modo de operar que encontrará nos trabalhos de Fernand Braudel sua principal expressão<sup>14</sup>.

Na esteira, porém, do maio de 1968 e do estremecimento epistemológico que ele provoca, as nascentes críticas ao estruturalismo de Braudel invocarão os historiadores a pensar a pequena escala, o evento, os fenômenos de curta duração, dentre os quais a vida, a experiência de tempo limitada entre nascimento e morte capaz de impregnar o corpo de certos vestígios úteis ao ofício do historiador. Uma história das biografias então se desenha. O pensamento dos microhistoriadores italianos dos anos de 1970 e 1980 encontrará reverberação no ambiente francês da terceira geração da *École des Annales*, nomeadamente em autores como Jacques Le Goff, Jacques Revel ou Michel de Certeau.

Uma outra camada de problemas, entretanto, vem reforçar essa exigência de reformulação do proceder no campo. Tomadas as contribuições da antropologia, sobretudo a partir dos

---

<sup>13</sup> Como se sabe, as academias de belas artes, em sua maioria organizadas no século XIX nos países latino-americanos, terão o papel fundamental de construir o campo de atuação do arquiteto nesses territórios. Antes dessas instituições, a arquitetura era praticada, sobretudo, pelos mestres de ofício e pelos engenheiros militares.

<sup>14</sup> Especialmente em *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II*, sua tese de doutoramento, defendida em 1947 e publicada em 1949.

anos de 1960, em seu esforço de encontro com “o outro” e de uma prática epistemológica pautada na noção de alteridade, se estabelece, de forma premente, a necessidade de afastamento da centralidade da Europa – e, complementarmente, dos Estados Unidos – enquanto *locus* privilegiado de observação do mundo. Somem-se a isso as lutas contra os colonialismos em África e em Ásia, que se desdobram, não raro, em vontade de autonomia também nos modos de pensar, viver e de construir conhecimento. Assim é que novos paradigmas, como a pós-colonialidade, primeiro, ou a decolonialidade<sup>15</sup>, mais tarde, vêm provocar uma atitude de deslocamento ou de “giro”, como se tem dito, com vistas à escrita de uma história a partir de outras referências, que não aquelas vinculadas à tradição ocidental.

Desses dois aspectos, essencialmente, parece derivar a crítica à comparação. Quando Bloch, diante dos problemas e condições que então se lhe apresentavam, convida os historiadores a extrapolar os limites do Estado-nação, ele acaba, colateralmente, por reafirmá-los. A comparação, tradicionalmente, prescinde da noção de nação, ou antes, se configura a partir dela. O conceito de região, saída imaginada por Bloch, não parece mais capaz de dar conta do problema do historiador no mundo de hoje. Mundo esse que lhe exige um agir despido, o quanto possível, das concepções apriorísticas e dicotômicas a partir das quais se tem, tradicionalmente, produzido conhecimento acerca da experiência dos homens no tempo. Escapar ou, pelo menos, distanciar-se de uma ação historiográfica pautada nos pares de conceitos centro/periferia, colonizador/colonizado, dominador/dominado e tantos outros do gênero e, ainda, das noções de transferência cultural, ressonância ou influência, exige, efetivamente, outra abordagem.

Mas retornemos aqui, brevemente, ao texto de Maria Ligia Coelho Prado. Debruçada sobre o problema da comparação na América Latina – e, portanto, comprometida com o “giro” a que há pouco nos referimos – a autora anunciará saída possível na abordagem denominada histórias conectadas (ou história transnacional), que propõe, paradoxalmente, conciliar com a própria comparação. Essa perspectiva é relativamente recente. Segundo a historiadora Barbara Weinstein (2013), a “virada transnacional” teve início nos anos de 1990.

A abordagem deriva dos esforços de pensamento e produção de uma história em escala global. Pensar uma história que se constrói globalmente, neste princípio de século XXI, significa incorrer em uma dupla reação: de um lado, ao excessivo apego pós-estruturalista à categoria do sujeito e ao fragmentário e, de outro, à exagerada concentração da história braudeliana nos movimentos das massas e na totalidade. Assim, não se trata, propriamente,

---

<sup>15</sup> Os pensadores latino-americanos foram fundamentais para a formulação do pensamento decolonial, tendo-se organizado, em finais dos anos de 1990, o Grupo Modernidade/Colonialidade. Sobre o grupo: “Formado por intelectuais latino-americanos situados em diversas universidades das Américas, o coletivo realizou um movimento epistemológico fundamental para a renovação crítica e utópica das ciências sociais da América Latina no século XXI: a radicalização do argumento pós-colonial no continente por meio da noção de ‘giro decolonial’.” (Ballestrin, 2013, p. 89). Entre seus principais membros estão Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Walter Dignolo e Arturo Escobar.





de um aceno a uma mudança de escala do objeto, mas sim a uma alteração de foco, que passa a incidir nas conexões e nas circulações (ROLDAN, 2018).

É com esse apelo que, ainda em 2001, número especial dos *Annales* será dedicado ao tema. Denominada *Une histoire à l'échelle globale*, a edição contará, na seção *Temps croisés, mondes mêlés*, com artigos de três historiadores fundamentais para se compreender a nova agenda: os franceses Roger Chartier e Serge Gruzinski, ambos vinculados à *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS), e o indiano Sanjay Subrahmanyam, hoje atuante na *University of California*, Los Angeles.

Na abertura de sua contribuição, *La conscience de la globalité (commentaire)*, Chartier referencia o texto de Bloch de 1928. Lembra que ele fora escrito a partir de comunicação proferida diante de uma plateia de historiadores dedicados ao período medieval no VI *Congrès International des Sciences Historiques*. Tratava-se, assim, de um apelo a uma mudança de consciência, à superação – ou, pelo menos, à intenção de superação – dos estudos monográficos. Mais de setenta anos mais tarde, o mesmo congresso, então em sua décima nona edição, também realizada em Oslo, convocava novamente a um outro tipo de consciência, desta vez, atenta à escala global. Comentando os textos de Gruzinski e Subrahmanyam publicados na mesma seção da edição dos *Annales*<sup>16</sup>, encontra preocupações comuns, que se desdobram na possibilidade de uma prática historiográfica, dedicada, sobretudo, aos contatos, encontros, aculturações e mestiçagens. Prática essa a que se tem denominado histórias conectadas ou transnacionais.

## 5. Considerações finais

Compreendendo que, no campo da história da arte e da arquitetura, essas experimentações são, ainda, preliminares, o intento deste breve artigo foi se colocar, tomando o tema proposto para a sessão, enquanto convite para pensarmos a prática de uma história global da arte e da arquitetura, a partir, fundamentalmente, do instrumento das histórias conectadas. Convém registrar que essa história global não se confunde com as “histórias totais” ou “panorâmicas” a que nos referimos nas primeiras seções deste trabalho. Retomando o problema colocado, perguntamo-nos que contribuições essa mudança, não necessariamente de escala, mas de foco, privilegiando as circulações e os contatos, pode proporcionar ao nosso fazer historiográfico?

Exercício interessante seria pensarmos como se poderia conceber, hoje, a partir da abordagem das histórias conectadas, uma exposição e seu respectivo catálogo, no MoMA, sobre arte e arquitetura na América Latina dos Oitocentos. Estaríamos, é certo, afastados da concepção de uma história que se desenha enquanto justificativa para o agir no presente,

---

<sup>16</sup> O texto de Gruzinski tem por título *Le mondes mêlés de la Monarchie catholique et autres “connected histories”*. O de Subrahmanyam, *Du Tage au Gange au XVIe siècle: une conjuncture millénaire à l'échelle eurasiatique*.

mas proporíamos, ao contrário, um fazer historiográfico que se conforma a partir das questões que para a história colocamos, tomando-a desde o presente.

Em lugar de uma exposição sobre o México e outra sobre o Brasil, poderíamos, a partir de um olhar cuidadoso para o século XIX, construir nossa narrativa apoiados em uma família como a Bernardelli, por exemplo. Família essa que é formada por uma mãe bailarina, a francesa Celestina Thierry (?-?), e por um pai violinista, o italiano Óscar Bernardelli (?-?), bem como por seus filhos Rodolfo (1852-1931), Francisca (1853-1908), Henrique (1858-1936) e Félix Bernardelli (1862-1908). Os dois primeiros, nascem em Guadalajara, o terceiro, em Valparaíso, no Chile e, finalmente, o quarto, em São Pedro do Sul, no Rio Grande do Sul, Brasil. Francisca permanece em Guadalajara, sob os cuidados de um parente próximo. Os rapazes, por sua vez, formam-se todos na AIBA, tendo passado períodos de estudos em Roma e Paris. De Rodolfo e Henrique, se conhece a ação de destaque na escola de belas artes do Rio de Janeiro. Sobre Félix, os brasileiros conhecemos muito pouco. Fato é, porém, que ele retorna à Guadalajara, onde atua como pintor, músico e, sobretudo, professor, formando discípulos que tiveram papel central no desenvolvimento da arte mexicana do primeiro terço do século XX<sup>17</sup>.

A breve observação desse caso nos ajuda a pensar na possibilidade de produção de uma história da arte e da arquitetura nos Oitocentos que não nos coloca – a nós e a nenhum outro lugar – enquanto centro ou periferia. É convite à concentração da narrativa nos atores e em suas experiências, moldadas pelos constantes deslocamentos, contatos e atravessamentos de fronteiras. Deixamos, aqui, então, nossa compreensão de que os sujeitos e suas ações são mais complexos do que deixam revelar os limites de espaço ou tempo em que desejamos encerrá-los. Olhar para o seu agir no mundo, para as respostas que enunciaram aos problemas concretos que tiveram de enfrentar, tomando sua experiência como ponto de partida, nos ajuda – o que pode soar paradoxal – a elaborar uma história descentrada e em escala global.

#### Referências:

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, pp. 89-117, maio-ago. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

BLOCH, M. Pour une histoire comparée des sociétés européennes. **Revue de synthèse historique**, Paris, t. 46, p. 15-50, déc. 1928. Disponível em: <<http://www.iheal.univ-paris3.fr/sites/www.iheal.univ-paris3.fr/files/Pour%20une%20histoire%20compar%C3%A9e%20des%20soci%C3%A9t%C3%A9s%20europ%C3%A9ennes%20%28Bloch%29.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2022.

<sup>17</sup> Sobre o caso específico de Félix Bernardelli, conferir Castiello, 2016.

CASTIELLO, A. Félix Bernardelli: um agente decisivo em el desarrollo del modernismo mexicano, 1896-1908. Aproximación al contexto y a la materialidad. In: JORNADAS DE HISTORIA DEL ARTE, 9., 2016, Valparaíso. ABELLA, R.; BRANDÃO, A.; GUZMÁN, F (Eds.). **La história del arte em diálogo com outras disciplinas**. Santiago de Chile: Museo Histórico Nacional, 2016.

CHARTIER, R. La conscience de la globalité (commentaire). **Annales. Histoire, Sciences Sociales**, Paris, 56e. année, n. 1, p. 119-123, 2001. Disponível em: <<https://doi.org/10.3406/ahess.2001.279936>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

COMAS, C. E. D. Brazil Builds e a bossa barroca: notas sobre a singularização da arquitetura moderna brasileira. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 6., 2005, Niterói. **Anais...** Niterói: UFF, 2005. v. 1. p. 1-21. Disponível em: <<https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2016/01/Carlos-Eduardo-Comas.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2022.

CONDURU, R. Araras Gregas. **19&20**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, abr. 2008. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad\\_conduru.htm](http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad_conduru.htm)>. Acesso em: 20 jul. 2020.

GOODWIN, P. **Brazil Builds: Architecture New and Old, 1652-1942**. Photographs by G. E. Kidder Smith. New York City: The Museum of Modern Art, 1943. Disponível em: <<https://www.moma.org/calendar/exhibitions/2304>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

LEVI, G. Usos da biografia. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Tradução [de] Luiz Alberto Monjardim, Maria Lucia Leão Velloso de Magalhães, Glória Rodriguez e Maria Carlota C. Gomes. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 167-182. [Original de 1989].

PRADO, M. L. C. Repensando a história comparada da América Latina. **Revista de História**, São Paulo, n. 153, p. 11-33, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19004/21067>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

RAJ, K. Circulação não é fluidez. **Boletim eletrônico da Sociedade Brasileira de História da Ciência**, n. 9, jun. 2016. Entrevista concedida a Matheus Duarte. Disponível em: <[https://www.sbhc.org.br/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=944](https://www.sbhc.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=944)>. Acesso em: 21 jul. 2022.

ROCHA-PEIXOTO, G. **Arquitetos do Brasil Imperial: a obra arquitetônica dos primeiros alunos da Academia Imperial de Belas Artes**. 2004. 664 f. (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

ROLDAN, D. Circulação de ideias e suas apropriações: uma reflexão sobre a história do urbanismo na América Latina através de diálogos disciplinares. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 5., 2018, Salvador. **Anais...** Salvador: FAUFBA, 2018. p. 4937-4954. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27744>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

---

SANTOS, P. **Quatro séculos de arquitetura**. 2. ed.? IAB: Rio de Janeiro, 1981. Coleção IAB, v. 1. [Original de 1977].

THE MUSEUM OF MODERN ART in collaboration with the Mexican Government. **Twenty Centuries of Mexican Art**. New York City: The Museum of Modern Art, 1940. Disponível em: <<https://www.moma.org/calendar/exhibitions/2985>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

WEINSTEIN, B. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, São Paulo, n. 14, p. 9-36, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.46752/anphlac.14.2013.2331>>. Acesso em: 20 jul. 2022.